

# Dementes não têm a brigo

por Tomás Moiana

Notícias 31/7/85

**Q**UER-ME parecer que cresceu consideravelmente a onda de diminuídos mentais nos últimos tempos e não me parece que alguém se preocupe com isso. Aliás, tem sido com certa ironia ou naturalidade apontar-se para um ser humano dizendo: «olha um maluco» ou «uma maluca», como se de um brinquedo se tratasse. Eu estou à espera de ouvir dizer, como está generalizada a expressão, «são as nossas insuficiências», ou mesmo que os ditos malucos fazem parte de uma sociedade, mas eu ainda entendo que são doentes que carecem de cuidados de alguém. Quem?

Será aceitável considerar-se normal

ver aparecer um homem despido, ou quase, no meio da multidão, falando sozinho e gesticulando, por vezes cantando e dançando (sorte), quando não com os órgãos sexuais à vista? Existem aqueles ou aquelas que justamente nos locais de maiores concentrações de pessoas param e com todos os palavrões de fazer tremer, falem dos dissabores da sua vida, como que justificando o declínio do seu estado mental, mas nunca vi parar uma viatura a recolher aquele doente para algures, em segurança do público e para uma possível recuperação do mesmo.

Devo dizer que neste certame até há figuras bastante conhecidas senão

famosas. É o caso do moço sujo e despendeado mas com tendência a intelectual, que anda sempre com um calhamaço de papéis e um jornal pronto a conversar em inglês com quem quer que seja, quando não lhe dá para pôr a mão em qualquer corpo feminino que cruze o seu caminho. Durante muito tempo «morou» no Café Djambo e agora parece que é qualquer coisa como sócio ou gerente das bombas de gasolina na Julius Nyerere, perto do Hotel Polana; por ali se encontra vinte quatro horas por dia.

Na Mao Tsé Tung, via-se uma senhora que trazia sempre consigo as duas filhas, que muito sinceramente espero que estejam bem de saúde, pois não duvido que a mãe desconhece o paradeiro daquelas infelizes criancinhas. Arrastava-as dum lado para o outro, mergulhadas na sua sujeira de vestes e comida apanhada nas latas de lixo. Costumava ocupar um lugar no passelo ou esquina, com uma mão a alugar as moscas coladas ao corpo, a outra a pentear sem pente, ao mesmo tempo que convidava os homens que passavam a fazer-lhe companhia.

O Aeroporto do Maputo é um sítio agradável para alguns dementes, como se fossem contribuir para as boas-vindas aos passageiros visitantes. Em tempos andava lá um, alto e magro, que entrava nos gabinetes das empresas do Aeroporto como um fiscal da Fazenda. Gritava aos grupos de passageiros que se espalhavam para todos os lados, uns para as casas de banho, outros para as salas de embarque, e quando entrava nestas era o fim, mas acabou por ser substituído por outro mais jovem, que no sábado dia 27 do mês findo, pelas 13 e picos, invadiu a placa, direitinho a um avião do TTA, que estava a ser abastecido de combustível. Colocou os auscultadores nos ouvidos, sentou-se no lugar do piloto e tentava fechar a porta quando chegaram socorristas. Foi necessário um «guindaste» para o sacar dali, enquanto gritava.

Ainda me lembro como se tivesse sido ontem. Vinhamos no machimbombo das LAM, para o serviço, quando na paragem do Hospital Central, um senhor alto, forte, completamente sujo, despenteado e descalço, sorridente (com os dentes castanhos e amarelos) entrou no autocarro, acomodando-se no meio daquelas senhoras caracterizadas do uniforme de saia vermelha e blusa amarela ou creme, daquela companhia, e só foi descoberto no Aeroporto.

Interrogado por mim, respondeu que queria apanhar avião para Manjacaze, para ir assistir a um jogo de futebol do Costa do Sol.

Na área do Bairro Central até à Baixa, existe uma senhora alta, sempre vestida de preto, com as pernas bezuntadas de um produto brilhante e sempre com uma toxa à cabeça. Sempre de viagem na grande Cidade de Maputo, como que procurando por alguém que jamais encontrará.

Ali, no Bairro da Malanga, existe uma senhora, por sinal meiga e bastante asseada. Contempla o vaivém das pessoas no seu quotidiano, com uma gargalhada que nunca mais acaba. No primeiro dia do nosso encontro (casual) as suas gargalhadas fizeram-me voltar para casa, a fim de confirmar se não me tinha esquecido de vestir qualquer coisa.

Nos anos passados, ouvia muito falar de um hospital de dementes em Marracuene, mas sinceramente que não me atrevo fazer qualquer pergun-

ta nesse sentido, pois seria o mesmo que perguntar por que é que não temos comida.

Na Avenida de Angola, entre a Guérin e as LAM, encontra-se um indivíduo de aparência assustadora, para quem o olhe da cabeça aos pés, e não há mulher que vá pelo passalo, onde ele se encontra se não quer ser objecto de ... bem, é que quando são mulheres quer pôr a mão suja e cheia de moscas e quando são homens, ché-ma por qualquer nome que ocorra ou por «Xilepfanz» (barbudo), dizendo que quer «cheleni» (cinco metica's) e como ninguém lhe responde, aí vai um palavrão de fazer tremer.

Gostaria de poder transmitir a minha preocupação neste contexto e receio ser mal entendido. Não há dúvidas de que este mal se está alastrando e em alguns dos casos trata-se de «malta» jovem. Os sábios, sebbões ou sabonetes, senão bisbilhoteiros, comentam — «Coltado daquele moço, eu conheci-o há muito tempo. Teve problemas com a namorada que culminaram com o fim do namoro, daí que ficou maluco. Que pena, um moço tão bonito...».

No prédio, onde moro, vejo constantemente um senhor forte e baixo, dono de uma descontracção fora do vulgar. A forma como nos oferece o seu sorriso, faz-nos pensar que somos crianças e ele o pai. Anda sempre com um único sapato. Muito calmo e não fala a ninguém. Despeja diariamente todas as latas de lixo daquela rua, como se procurasse o sapato que lhe falta. E o guarda do prédio disse-me que «aquilo» foi a família que lhe fez quando ganhou Totobola. Bem, espero que tenha melhor sorte o milionário do Hotel Cardoso (salvo erro) que há dois meses ganhou o prémio mais alto na história do Totobola depois da independência, e espero também que tenha melhor sorte o indivíduo que tem a mania de andar a escrever no Jornal a criticar isto ou aquilo...

Conheci também um senhor, mas já não me recordo exactamente da sua área de actuação. Colocava-se num passeio do amanhecer ao pôr-do-Sol e ali marchava, ficava em sentido, dando ordens de comando a si mesmo, fazia continência, direita volver, esquerda volver, em frente marcha, alto e des- troçar, para momentos depois mandar formar novamente a companhia ou pelotão.

Ali, diziam que a causa do seu declínio foi ter sido cabo miliciano no Exército derrotado em Moçambique. Pertencente à classe de sargentos, revia e sonhava com o momento de colocar, no ombro as três divisas viradas para baixo, dar ordens de comando e ter quem lhe faça continência, mas tal não aconteceu, pois estava-se nos princípios do ano de 1974. Daí que ficou maluco, dizem eles.

Dentro deste dilema, o maior problema é do público que, em alguns casos, mulheres, crianças e por que não homens, abandonam a paragem do machimbombo que passa com o «reservado» e não volta mais, porque há quem diz que a chapada de um demente dói três meses. Daí que ninguém gosta de pisar o passeio onde se encontra um doente desta natureza, que afinal necessita de cuidados de alguém. Mas quem?

Com profunda mágoa, sinto que este é um mal sem combate. O que será de nós se atingirem crianças? Seria o mesmo que perguntar quando virá o próximo «Domolna»...